

ARANTES, Luiz H.M. Cena e futebol na dramaturgia brasileira. Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia/PPGArtes; Professor Associado.

RESUMO

A aproximação entre futebol e teatro vem de longa data. A noção primeira de espetáculo público pode aproximar, mas também guarda diferenças para estudar a questão. Assim, o mais apropriado mesmo parece ser procurar entender de que maneira o teatro ou a dramaturgia, no caso a brasileira, processa em suas narrativas a questão do futebol. Neste caminho, três referências se apresentam como exemplares para estudar esta relação entre futebol e teatro: Nelson Rodrigues, Plínio Marcos e Vianinha. No caso de Nelson a profissão de jornalista esportivo iluminou bastante o tema futebolístico em suas crônicas e peças teatrais, veja-se o caso de *A Falecida*. Na obra de Plínio Marcos isto também esteve presente, a peça *Quando as máquinas param*, a qual ambienta num só texto desemprego e fanatismo por futebol. Mas o futebol enquanto funcionamento social, do início ao fim da narrativa, irá aparecer mesmo em *Chapetuba Futebol Clube*, de Vianinha. Escrita no furor do pós-1958, mais do que questões sociais esta peça sinaliza as angústias de um dramaturgo entre escolhas individuais e coletivas e, para isso articula futebol e teatro jamais visto na dramaturgia brasileira.

Palavras-Chave: dramaturgia: futebol: teatro brasileiro

El acercamiento entre el fútbol y el teatro tiene una larga historia. El primer concepto de un espectáculo público puede traer, pero también guardar las diferencias para estudiar el tema. Por lo tanto, el más apropiado parece estar tratando de entender cómo el teatro o drama, en el caso brasileño, los procesos en sus relatos la cuestión de fútbol. De esta manera, tres referencias se presentan como ejemplos para estudiar la relación entre el fútbol y el drama: Nelson Rodrigues, Plínio Marcos y Vianinha. En el caso de la profesión de periodista deportivo Nelson iluminado bastante el tema de fútbol en sus crónicas y obras de teatro, véase el caso del *A Falecida*. En esta obra de Plínio Marcos también estuvo presente el fútbol em *Quando as máquinas param*, que en uno texto presenta paro y el fanatismo por el fútbol. Pero el fútbol como el funcionamiento social, desde el principio hasta el final de la narración, presentar-se en *Chapetuba Futebol Clube*, de Vianinha. Escribiendo en la furia de los temas sociales post-1958, este drama indica la angustia de un dramaturgo entre las decisiones individuales y colectivas y el que articula el fútbol y el teatro se haya visto en el teatro brasileño.

Palabras-clave: drama, fútbol, teatro brasileiro.

As analogias e aproximações entre teatro e futebol são as mais diversas possíveis, a começar pela impressão de espetacularidade que possui o futebol e que alguns segmentos teatrais também possuem. Claro, nem todo teatro, mas, por exemplo, o teatro de rua e o teatro revista. Inicialmente, a percepção de que há alguém que faz algo e há alguém que assiste algo nestes dois modelos espetaculares - teatro e futebol - torna muito interessantes de se observar.

Além disso, a percepção de que no futebol também, a cada jogada, a cada jogo, uma história é tecida aumenta a proximidade entre futebol e teatro. Isto, sem aprofundar aqui nas histórias extra campo, essas sim dignas de um verdadeiro emaranhado de possibilidades narrativas.

O futebol transmitido pela televisão também se misturou à teledramaturgia, primeiro porque se tornou tema de muitas narrativas, depois porque a forma de narrar o futebol adotado pelas redes de transmissão passaram-se a utilizar de técnicas de filmagem, como, por exemplo, o close nos jogadores, o que aproxima narrativa futebolística e novelística. Sem contar que nas últimas décadas muitos jogadores de futebol tornaram-se 'celebridades', associando-se ao mundo já conhecido desde meados do século passado, mas antes, comum às estrelas de cinema, teatro e TV.

Não são poucos os dramaturgos brasileiros que se encantaram com o esporte das quatro linhas e incorporaram às suas tramas e pormenores futebolísticos. Mais conhecido pelo ofício de compositor Chico Buarque também escreveu muito para teatro, dedicou músicas ao esporte e, frequentador de estádios, nunca escondeu sua paixão pelo esporte, sendo inclusive admirador confessor de Pagão, ex-jogador santista dos tempos de Pelé. Além disso, Chico ainda mantém um assíduo time de peladas, por ele batizado de Politheama.

As artes de cantar e jogar foram muito bem representadas pelo cantor em suas letras de música, dentre elas *Futebol*, como pode se ver no trecho:=-

Para estufar esse filó
Como eu sonhei
Só
Se eu fosse o Rei
Para tirar efeito igual
Ao jogador
Qual
Compositor
Para aplicar uma firula exata
Que pintor
Para emplacar em que pinacoteca, nega
Pintura mais fundamental
Que um chute a gol
Com precisão
De flecha e folha seca¹

Plínio Marcos, nosso dramaturgo mais polêmico e censurado no século XXI, também deixou sua contribuição sobre futebol, em sua peça *Quando as Máquinas Param*² trata das angústias de um casamento, aparentemente perfeito, mas que aos poucos vai mostrando suas fragilidades devido ao desemprego do marido. A questão do futebol salta aos olhos quando o personagem Zé passa muitas horas na rua jogando futebol com a meninada, além disso, demonstra ser corintiano um torcedor fanático. Em virtude dessas características o ambiente vai ficando mais sombrio, pois ele não aceita que a esposa - Nina - seja a provedora da casa, principalmente quando descobre que

¹ Chico Buarque

² Plínio

o dinheiro das despesas é doado pela sogra. O clima se agrava com a notícia de uma gravidez inesperada.

Este texto de Plínio Marcos é um dos mais encenados no teatro brasileiro, pelo fato de possuir apenas dois personagens têm facilitado montagens de baixo custo, além de tratar da relação entre um casal e, claro, por ressaltar a temática do futebol, num país marcado por muitas histórias vividas e criadas em torno desse esporte.

Nos estudos sociais a figura de Eduardo Galeano também deixou sua contribuição sobre o futebol, analisou os mais diversos aspectos e personagens deste esporte, identificando craques, seus tempos, suas glórias e fracassos e, principalmente, não deixou de ver a noção de espetacularidade que o futebol possui, com atores, intrigas e desfechos:

Há atores magistras na arte de atormentar o próximo: o jogador põe uma máscara de santo incapaz de matar uma mosca e então cospe, insulta, empurra, joga terra nos olhos do adversário, dá-lhe uma cotovelada certa no queixo. Afunda o cotovelo em suas costelas, puxa seu cabelo ou a camiseta, pisa em um pé parado ou em uma mão quando está caído, e faz tudo isso quando o juiz está de costas ou quando a bandeirinha olha as nuvens que passam (GALEANO, 2012, 20).

Na crítica literária foi José Miguel Wisnik quem nos legou um das reflexões mais abrangentes, e poéticas, sobre este esporte que hoje alcança bilhões de pessoas em todo o mundo. Muitos são os estudos que ressaltam as questões sociais, políticas e econômicas em torno do fenômeno futebol, no entanto, não é este o caminho de Wisnik, pois prefere olhar como e o que faz vinte e dois homens correrem atrás de uma bola, o que inventam com uma bola ou o que sentem quando sorriem na vitória e choram na derrota. Mais que isso, como os tantos craques brasileiros são inventores de expressões e disposições corporais, como também de expressões da língua que imortalizam um jeito de jogar e de nomear um ofício.

Mas é Wisnik também quem nos lembra da capacidade que tem o futebol tem propor narrativas, pois propicia sempre o imprevisível, essência de uma boa história, ou como dizia a enciclopédia do esporte Milton Santos, o futebol é uma caixinha de surpresas.

(...) A bola pode parecer um caroço de abacate ou um calombo, conforme o modo como é tocada, em certos momentos, ou esfera etérea que se arredonda quanto mais se desloca, em outros. Pairando sobre tudo, ainda, aquela nuvem trágica extasiante que faz de cada jogador, jogo e time a sucessiva encarnação única e insubstituível de uma necessidade, o retorno implacável e a manifestação de um arquétipo, ao mesmo tempo em que a revelação de um destino que se decide em ato, acontecimento singular e irrepitível, ali, num tempo impalpável que se esvai entre os dedos. (WISNIK, 2008, 102).

Esta constatação de Wisnik no leva a acreditar que as inúmeras possibilidades narrativas do futebol, neste raciocínio apontam para indicações acerca da forma para tais fabulações, uma vez que isto também acompanha o desenvolvimento de uma boa história. Como não pensar que a final entre Brasil e Uruguai em 1950 não possui facetas de uma boa tragédia, na qual a falha da soberba leva o herói a um desfecho inesperado e trágico.

Os dribles de garrincha, nosso clown com uma bola nos pés disposto a, como o Arlequino, ludibriar os adversários, por vezes 'poderosos' e por vezes apenas pelo apreço à boa gargalhada. Há ainda a cabeçada de Zidane na final da copa de 2006, que de trágico e cômico possui um pouco.

Os dramas também acompanham o futebol, as dores musculares que impedem os heróis da disputa como Pelé em 1962, sem dúvida coloca em suspensão as forças humanas diante de um destino que não consegue justificar mais todas as soluções.

Um dos mais importantes dramaturgos brasileiros, nascido em e torcedor do Santos, Plínio Marcos (1935-1999) também lançou seu olhar teatral para o futebol. Muitos críticos afirmam que *Quando as Máquinas Param* é uma peça sobre desemprego, mas lá está o futebol também como força do conflito. Escrita concluída em 1963, logo após o bicampeonato na seleção no Chile.

Esta peça de Plínio parece num primeiro olhar, uma leve história de amor entre os personagens Zé e Nina: um operário e uma costureira. Ele desempregado, mas torcedor do Corinthians - o que por si só já é uma ocupação -, e ela costureira que mantém a casa com o pouco que ganha. Mas, de repente o casal se vê na condição de depender financeiramente do trabalho de Nina, não bastando, também dos favores da sogra.

Aqui o futebol entra como catalisador do conflito principal que é a difícil condição social do morador da periferia paulistana, as dificuldades financeiras que impactam significativamente na convivência afetiva. A paixão pelo futebol faz Zé ir pra rua jogada futebol com a molecada e, quando em casa, evita assuntos da rotina com Nina, pois prefere falar de sua paixão pelo clube e vive a expectativa com o jogo do Corinthians no próximo domingo.

Por ser um texto da década de 1960, a peça de Plínio Marcos ainda traz as marcas de seu tempo, de maneira que o futebol aparece como algo que ofusca a visão de Zé, uma paixão que impede que veja sua realidade de desempregado e ainda acirra seus nervos. Tal condição, ao final da peça, leva-o a agredir a sua mulher.

Difícil encontrar na dramaturgia brasileira alguém com mais paixão pelo Futebol que Nelson Rodrigues. O meio jornalístico em que atuou sempre o aproximou do ambiente futebolístico. Desde família sua ligação com o esporte já sinalizava isso, pois seu irmão participou ativamente da construção Maracanã, inclusive lhe emprestando o nome: Mario Rodrigues Filho.

Além disso, Nelson Rodrigues foi durante muito tempo cronista esportivo, acompanhou muitos jogos, escreveu textos e foi dos poucos que entendeu o que significava realmente a 'pátria de chuteiras'. Por sua vez, Nelson Rodrigues nunca escondeu de ninguém sua paixão pelo Fluminense, o que lhe rendeu muitas alegrias e muitos textos sobre futebol. Portanto, Nelson, futebol e teatro são aproximações factíveis.

Na sua escrita teatral essa paixão pelo futebol irá aparecer em muitos textos, algumas de forma bastante direta, como é o caso de *A Falecida*. Nessa peça, o personagem Tuninho é um desempregado e torcedor do Vasco que, ao descobrir a traição da esposa, chantageia o amante e joga todo o dinheiro numa aposta em seu time do coração.

Chapetuba Futebol Clube, de Oduvaldo Viana Filho (*Vianinha*) estreou pela primeira vez em 1959, no Teatro de Arena de São Paulo é um texto ímpar no teatro brasileiro, primeiro porque naquela época aprofundava a discussão sobre dramaturgia nacional, depois porque propunha outra relação palco/plateia, uma vez que a arena provocava uma proximidade e intensidade maior entre aquele que faz e aquele que se aproxima para ver/participar/assistir algo. Em breves palavras, a peça dramatiza as tensões e expectativas de um grupo de jogadores na véspera da decisão de um campeonato de futebol amador. Neste microcosmo de *Vianinha* questões sociais e afetivas vão surgindo e nos dando a dimensão de quão complexas são as tomadas de decisões, a realização de escolhas, principalmente num mundo esportivo/artístico atravessado por tantos interesses. Escrita no final da década de 1950, a peça traz um mundo futebolístico bastante ‘amador’, mas no qual já se nota, incipiente, o mundo da sociedade de consumo, da indústria cultural e da publicidade que o Brasil viria a apostar nas décadas seguintes. Mas é neste mundo de esporte ‘amador’ que questões da vida ainda podem ser colocadas, como por exemplo, notar que os personagens de *Chapetuba* possuem crises de consciência ou se veem divididos entre escolhas individuais versus dilemas coletivos, mas, claro, vistos de um contexto que ainda permitia isso. *Xapetuba* de Minas e *Chapetuba* de *Vianinha*: ambos, lugares de cruzamento, de deslocamento rumo ao interior. Interior geográfico, mas também o interior dos ricos personagens desta peça: Durval, Maranhão, Bila, Eunápio, Pascoal, Fina, Paulinho, Cafuné. Durval e Maranhão são indivíduos socialmente constituídos, mas que se veem na dúvida, pois como o próprio dramaturgo gostava de dizer ‘duvidar é bom e eu gosto’.

Todas essas obras tem se tornado referências muito importantes no estudo desta relação entre a dramaturgia, o teatro e o futebol. Em tempos de copa do mundo em nosso país, nada como problematizar e entender que nestas relações já estão antepostos dilemas que enfrentamos desde a década de 1950.

Referências:

- DORT, B. *O Teatro e sua Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- GUINSBURG J. et alii (orgs.) *Semiologia do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MAGALDI, S. *O Texto no Teatro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NEVES, J. *A Análise do Texto Teatral*. Rio de Janeiro: Min. da Cultura/INACEM, 1987.
- PALLOTTINI, R. *A Construção do Personagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- RADO, D.A. *Apresentação do Teatro Brasileiro Moderno*. São Paulo: Martins, 1956.
- ROSENFELD, Anatol. *O mito e o herói no moderno teatro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1996.